

PR

805

C 395

ANNO I

2.º FASCICULO

TOMO I

O CENACULO

SUMMULA

	PAG. :
I DR. ERMELINO DE LEÃO, por Silveira Netto	27
II ALMA DESERTA, por Antonio Braga	28
III ALMA ABERTA, por Leoncio Correia	29
IV FRAGMENTOS, de Rocha Pombo	31
V MARCHA FUNEBRE, por Emilio de Menezes	35
VI SATANICA, por Dario Vellozo	36
VII A MONSIEUR DARIO VELLOZO, por J. Keating.	43
VIII AMOR BUCOLICO, por Julio Pernetta	44
IX SONHOS MORTOS, por Leoncio Correia	58

Maio de 1895

Paraná-Coritiba

DR. AGOSTINHO ERMELINO DE LEÃO

O CENACULO honra a sua pagina illustrada d'este numero com o busto do preclaro e laborioso paranaense Desembargador Agostinho Ermelino de Leão.

Nasceo o distincto cidadão a 25 de Março de 1834, em Paranaguá, tendo por progenitores o Desembargador Agostinho Ermelino de Leão e D. Maria Clara Pereira de Leão, filha do ultimo Capitão Mór d'essa cidade.

Cursou a Academia de Olinda, recebendo em 1856 o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes ; a 7 de Setembro do mesmo anno desposou a Exm^a. Snr^a. D. Maria Barbara Correia.

Exerceo os cargos de Juiz Municipal de Olinda, onde fez o quatriennio, de Juiz de Direito de Santa Maria da Bocca do Monte e de S. Gabriel, no Rio Grande do Sul. Em 1866 foi removido para Curitiba onde occupou esse logar até 1887, anno em que foi nomeado Desembargador da Relação da Bahia, sendo em 1889 removido para a de S. Paulo.

Teve do governo imperial, além d'essas importantes nomeações, mais as de 1º Vice-Presidente do Paraná e da Bahia.

«Tem sido o principal fautor das Exposições Provinciaes do Paraná em as exhibições Internacionais de Pariz, Vienna d'Austria e Phyladelphia, em cujos certamens de civilização e progresso do nosso Seculo tivera um importantissimo auxiliar e cooperator efficaz, o benemerito, philanthropo e sempre lembrado medico bahiano Sr. Dr. José Candido da Silva Muricy.»

Fundou e presidio a Associação Paranaense de Acclimação ; creou o Muzeo Paranaense e o tem dirigido com admiravel zelo e dedicação, elevando-o a uma das instituições que mais honram e orgulham o nosso Estado.

De coração aberto aos sentimentos puros, o Desembargador Ermelino tem a religião do Bem e do Character ; nunca as luctas

partidarias, ou o combate do interesse pessoal o desviaram da rispida linha recta do Dever.

Escreveo, quando academico, os dramas *Julia de Fenestranger* e a *Orphã Paranaense*, e publicou, em 1875, o *Indice Alphabetico das Leis do Paraná*.

Publicando o retrato do sympathico impulsionador do desenvolvimento do Paraná, o CENACULO rende o preito de sua veneração ao homem, cujo nome, conhecido e acatado, o Paraná terá de repetir saudoso e com respeito em qualquer tempo que se evidencie entre nós o fecundo movimento dos certamens do trabalho.

SILVEIRA NETTO.

ALMA DESERTA

A Silveira Netto.

Treva sombria—onde tateia a traça
Das ambições de um Sonho irrealizado,
Eis a Noite em que vivo amortalhado,
Preso em garras de amor que despedaça.

Marcando o tempo tropego, que passa
Sobre mim, pela Dor encarcerado
Pulsa em meo peito o coração magoado,
Como o pendulo enorme da Desgraça.

Se clamo e grito, a gargalhada estoura...
A Vida é lama e em lodo não redoura
O sol que uma alma feminina encerra.

Das Illusões, em febre, eu bato á porta,
E o Ceo se fecha e brada : «Ha muito é morta
A pureza do Affecto sobre a Terra.»

ANTONIO BRAGA.

ALMA ABERTA

(Ao 52º anniversario do cidadão Cyro Velloso.)

E' como o sol o coração dos puros :
De amor inunda uma orbita infinita,
Cobrindo de ouro o esterco dos monturos.

Que ruja a infamia, que se eleve a grita
Dos mãos,—que pouco importa,—a alma serena
Do bom, é um astro que no céu palpita.

Se o vesgo egoismo, ás vezes envenena
A nobre acção de um peito alevantado
Fazendo aos outros parecer pequena,

Mais cresce aos outros o acto injuriado
Dentro da meia sombra da modestia ;
Que tudo vence um coração honrado !

E' de lingua de vibora molestia
Conter venenos ; e do justo é graça
Deixar no mundo abençoada restea...

Eu, que ferido fui pela desgraça
De bem cedo perder meo Pae, indago :
Que coração meo coração abraça ?

E erra meo coração choroso e vago
Depois que a mais atroz fatalidade
Meo grande amigo me roubou... Divago ?

Quando em dupla e terrivel orphandade
Sinto-me sem dous paes, é triste tudo,
Que em tudo paira a sombra da saudade.

Antes aqui me conservasse mudo,
Quando o teu lar tranquillo se engalana,
Do amor fazendo luminoso escudo.

Perdôa amigo, a minha voz profana :
Mas da amizade nos sagrados grilhos,
Vem minha Musa te saudar, ufana.

E, ae! triste estou em meio destes brilhos ;
Trago um peccado, digo-o com respeito :
Invejo, amigo, os teos felizes filhos !

Eu, que rio, guardando no meo peito
Todo o amargo tropel das desventuras
Que só me deixarão no ultimo leito,

Peço um logar humilde entre as venturas
Que hoje illuminam este lar sagrado,
Feitas de castas harmonias puras !

Eis quanto pede, amigo, o desgraçado
Que, orphão de Pae, achou-te em seo caminho
Como um astro de Amor abençoado !

A ti—meo coração,—um passarinho
Que da orphandade a dor tendo comsigo
Em tua bondade achou paterno abrigo :

Beijo-te as mãos, meo generoso amigo !

LEONCIO CORREIA.

FRAGMENTOS

I

.

A crença é o symptoma caracteristico da grande vida moral, de tudo quanto a alma humana começa a conquistar no Tempo de excellente e inamissivel em seo indefinido evoluir. O anthro-poide não creio : Victor Hugo adorou. Só no momento em que da contingencia temporal aspira o eterno, em que na treva um largo esbatimento de luz a impressiona, é que a alma começa a crer.

.

Estude-se a sociedade moderna, as incontinencias, os transviamentos moraes, tudo isso que caracteriza a vasta e profunda crise deste fim de seculo, e se constatará que a incredulidade, apagando da alma humana a noção suprema do destino final da creatura, quasi chegou a eliminar a consciencia, o grande principio conservador do equilibrio e harmonia na vida das nações : e que, portanto, é a incredulidade o mal mais funesto a destruir no presente.

.

E, estudando os grandes homens, aquelles todos que no mundo edificaram alguma cousa perduravel e grande, comprehenderemos então como toda a força delles lhes provinha da sua fé.

.

Mas bem me entendeis que vos falo da grande Fé, da Fé que não tem seita, que não tem inimigos a combater , e que, livre e

excelsa, fica sempre pairando acima das contingencias e das vicissitudes dos homens. Falo-vos da Crença que não vive de ostentações e convencionalidades banaes ; que não mora nos templos, mas de preferencia, como disse o poeta extraordinario do *Paraizo*, nos corações dos bons, dos humildes e resignados.

.

II

Em um dos pobres trabalhos de minha, aliás desorientada mocidade, eu já sustentava o que cada vez foi ficando mais firme no meo espirito : isto é, que o esforço é o segredo admiravel a que deve a acção humana todo o seo enorme poder. A obra d'arte, por exemplo—a mais completa manifestação do genio—é exactamente o producto mais perfeito e mais exclusivo do esforço espiritual. E mesmo fóra da arte, em qualquer ordem de applicação, a constancia, a tenacidade constituem sempre os elementos capitaes de toda a actividade laboriosa que triumphava.

.

Trabalhemos pois. A custa de trabalho tudo se vence. O que não se consegue n'um dia, consegue-se n'um mez, ou n'um anno, ou mesmo durante uma vida inteira. Não percamos um minuto de nosso tempô : é preciso não descansar nunca sem uma obra util.

.

III

.

Uma creatura não pode viver sem adiantar-se, sem fazer proveitosa o mais possivel a existencia. Um dia sem progresso moral me parece um attentado gravissimo contra a propria personalidade.

De certo que conheceis alguns homens que se contentam de subsistir ; isto é, que julgam-se felizes e passam tranquillos e despreoccupados de tudo, desde que vão ganhando o seo vintem para o pão do dia. Mas é necessario que nos lembremos disto : um homem, alem de todos os deveres que resultam das relações em que se acha no mundo, tem ainda deveres comsigo proprio, deveres aliás que não me parecem de modo algum menos imperiosos.

.

Como havemos de contentar-nos com os bons negocios ou com o trabalho material rendoso somente ? E' necessario subsistir, não ha duvida ; mas é para viver que se subsiste. E o estacionamento do espirito, a absorpção delle na prosperidade material, que é menos que a morte ?

.

Instruir-nos, portanto, é uma necessidade capital do nosso espirito : bem exactamente como é da natureza e da condição do nosso corpo o alimento que o conserva.

.

IV

O que faz mal a grande parte dos homens, já se disse, não é a pobreza, nem mesmo a miséria : é antes o não saberem elles conformar-se com a sua condição de pobres. Que ha de mais desejavel, mais grato e edificante na vida que o prazer espiritual ? E esse está ao alcance de todos. E' engano, e engano dolorosissimo para tantos suppôr que a posse de riquezas venha dar-nos aquillo que não temos na nossa alma. A propria gloria, como é entendida em muitos casos, deslumbra somente aquelles de quem foge...

Isto quer dizer que nem os brilhos do ouro, nem a magestade dos thronos, nem a admiração do mundo podem fazer de Rottschild, de Alexandre da Russia ou de Victor Hugo uma alma que seja mais *feliz* que a do humilde camponio que vive do seu labor na doce calma dos lares abençoados.

.

Acredite-me : o coração que fez o bem gosou mais prazer e foi mais feliz do que o principe que creou um imperio.

.

V

Os homens, em geral, vivem desde muito absorvidos no bulicio que fazem pelo mundo.

.

Primitivamente, elles tinham em torno de si palpitante o grandioso espectaculo da natureza — fonte inexgotavel de todas as emoções que os abalavam, estímulo directo do seu pensamento, causa de todas as tempestades que agitavam o seu espirito e o seu coração. E, n'esses tempos, os homens entendiam melhor as lingoagens da natureza, pois que a voz poderosa

actuava mais de perto. Hoje, os mysterios formidaveis da vida, as eloquencias da criação ficaram por longe..... A natureza como que emmudeceo. Ella só fala ainda bem alto áquelles poucos que a contemplam e lhe auscultam as vibrações. Os homens desertaram o vasto lar da Madre augusta, e distrahem-se nas suas luctas, despercebidos da voz que ainda sòa, mas que não mais abala.

.

VI

Por certo que bem sabeis como nas sociedades humanas procura-se, com esforço e solicitude constantes, garantir a justiça decretando leis, estabelecendo penas. Entretanto, não estaes vendo esse espectaculo compungente das luctas em que todos vivemos? Não tendes noticia dos crimes, das prepotencias e crueldades commettidas todos os dias no mundo? E' que falta nos corações a lei suprema, a lei moral, a disciplina d' alma, que os codigos não podem supprir.

.

VII

Não presumais nunca que podereis andar bem com Deos estando mal com vossos irmãos. Enganam-se aquelles que acabam de commetter um crime, um acto de oppressão, de odio ou descaridade, e vão para a egreja muito confiantes. No amor do proximo é que se revela o amor de Deos.

.

VIII

.

Os livros são uns companheiros excellentes do nosso espirito. A sciencia, a arte, a philosophia e a caridade são os instrumentos da nossa edificação. Mas estudae sempre com liberdade e consciencia. Estudando assim, nada de mal podeis temer dos livros. Quando a intelligencia humana consegue sustentar-se leal e firme, sincera e livre ante a natureza, tudo quanto chega a conhecer não faz senão confirmar a grande Fé.

Mas uma recommendação mais especial ainda que vos faço é que não deixeis nunca de observar muito por vós proprios. A observação directa vale sempre, tanto mais quando vem completando o estudo dos livros.

O CENACULO



D^r A. Ermelino de Leão

IX

A sciencia, como haveis de comprehender, é muito pretenciosa e tantas vezes falsa, quando vae alem da constatação de phenomenos. E é falsa sobretudo, porque os sabios não teem lealdade, nem a indispensavel isenção espiritual para chegar á *consciencia* da idea divina, da obra suprema. Quasi sempre, elles indagam depois de haver concebido um plano e formado *á priori* theorias que desejam impôr. Se elles limitassem-se a constatar factos, a sciencia humana já estaria hoje mais consolidada, e o estudo concreto da natureza não seria menos do que o fundamento de uma sciencia mais vasta e elevada — a sciencia de toda a creação.

ROCHA POMBO.

MARCHA FUNEBRE

Baixaste sobre mim teu olhar funerario
N'uma resignação piedosa de hora extrema,
E as palpebras cahindo em alvas de sudario
Velaram-me de todo a luz clara e suprema.

E tacteante no mundo hostil, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meo poema
Illumine e engrinalde e o faça extraordinario,
—Um poema em que minh'alma artista ria ou gema—

Vou para além ouvindo uma muzica nova
Feita de pás de terra a te cahir no peito
Como que para pôr o meo amor á prova.

E essa muzica ouvindo, extranha em seo effeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe á cova
Um funereo e feral requiem de luars feito.

EMILIO DE MENEZES.

SATANICA

A ALBERTO RANGEL.

Leva á objectiva de teu poderoso microscopio intellectual este informe embrião de ultimo devaneio... Analysa-o pacientemente, corajosamente...

E que estes negros caracteres indiscretos e reveladores te mereçam a absolvição,—austero sacerdote da ARTE, sublime alchimista da FÓRMA !

(6 de Agosto.)

I

O Crescente,—como lacteo fragmento de hostia fulgida, arremessado violentamente ao Espaço, no morbido espasmo de terrível accesso cataleptico de sordido celebrante satânico, ao blasphemo consagrar execrando dos obscenos sacrificios da MISSA-NEGRA, de Huysmans,—resvalava, languido e nostalgico, roçando serenamente o suavissimo azul transparente, sob a phantastica pressão de onixado espheróide que se fôra adaptar artificiosamente na concha em semi-circulo do Satellite... E resvalava, tacito e exausto, quem sabe attrahido, na razão directa de sua massa, para as tetricas mansões ignotas do Infinito e da Treva...

Atravez o limpido cariz immaculo, Estrellas faiscantes e tremulas agrupavam-se, apavoradas, espiando... Dir-se-hia, as atemorizava o phenomeno vulgarissimo do Eclipse...

Do alvo minarete mourisco do feerico e assombroso palacio do Kalipha, guardado por negros escravos musculosos... e humildes, a pythoniza Haynan contemplava a aprazivel perspectiva da nocturna payzagem...

Vampyros peripateticos, de azas vellutinosas, curveteavam rapidos...

Soluçantes arrabis estertoravam estridulos medonhos e pungentes...

Havia pela atmosphaera enervadores fluidos, energicos sortilegios de Alchimistas demoniacos, fremitos vagos e inescrutaveis...

E Haynan scismava, dessudarisando revelações cabbalisticas.

Conhecia a supersticiosa sciencia dos Astrologos e dos *Fa-quirs*, as formulas rituaes dos Maleficios e dos Exorcismos...

Palestrava abantesmas insubmissas, predizia o futuro de Sybaritas e de Anachoretas...

—Porque não conseguira nunca interpretar lucidamente aquelle extraordinario Sonho que uma vez tivera ?...

Paiz extranho e remoto. Atravessara extensa alameda, ensombrada de esguios bambús, longos e rumorejantes, entremmaranhando-se, em arco. Exabrupto, como nas mutações scenographicas das *Fantásias* dos arrojados cavalleiros arabes, sentira-se junto a sumptuoso portico de vetusto *Pagode* buddhico... Entrara... Sombras de arabescos exquisitos e extravagantes, de colorações magnificas e originaes... Subito, das lugubres entranhas do solo, surgio, calmo e implacavel, o perfil phantasmagorico de um THOLBA, de hirto craneo glabro e severo semblante macilento,—quiçá despertado ao tenebroso lethargo do Sepulchro pelo subtil ruido das sandalias da incauta Lucrecia musulmana... Fitou-o, sentindo morder-lhe a epiderme, perfumada da deliciosa fragrancia do Heliotropio, agudos arrepios komatosos...

Lividas chammas cabriolantes,—almas penadas de Pagãos, sem duvida,—boiavam no ambiente, saturado de funestos aromas toxicantes...

Despercebido, o THOLBA assentou-se por sobre o monstruoso dorso de rigida Esphynges decapitada, desenrolando, grave e solenne, amarelento papyrus contaminado...

—«O mysterio da Forma !... Eil-o !... nestes sarcasticos hieroglyphos, indifferentes, surdos, impenetraveis !... A Forma,—a revelação tangivel de uma Idea...» E proseguio, rosnando, pensativo :— «A quinta-essencia da Fôrma,—a triumphadora masculinidade do Esforço,—a suprasumma victoria da Imaginação creadora... A Architectura do Vocabulo... a Esculptura do Vocabulo... o Colorido, a Muzica, a Musculatura do Vocabulo !... Estupendo !... Assombroso !... Impossivel !...»

E, levantando os olhos, cavos e magoados, o THOLBA fitou a pythoniza Haynan... Vio-a, nua e soberba, como a idealisada

corporificação fascinante do famoso Modelo, corajosa e vãmente rebuscado...

Ergueo-se, alongou-se, avançou para ella,—braços abertos, fascinadoramente...

Haynan sentio o contacto de algido corpo esqualido enlaçando-a, subjugando-a, hypnotisando-a... Voluptuosa torcicollação irresistivel imprimio-lhe á medulla finissimas vibrações, successivas e fortes...

Entanto, a Lua,—como lacteo fragmento de hostia fulgida,—resvalava, exhausta e nostalgica, sentindo talvez nos frouxos nervos lassos, de hysterica infecunda, mornas reminiscencias melancholicas da lasciva sordicia dos incubos.

II

Porque mephistophelica artimanha inopinada—(scismava a pythonisa Haynan, dessudarizando revelações cabbalisticas)—fôra penetrar no ruido recinto longinquo do vetusto *Pagode* buddhico, arrebatada no esconso casulo afunilado de chloroformisante ephialta luxuriosa,—como noctivaga procellária gemedora, esbatida de flanco pela aspera vergasta escurraçante de assolador Cyclone formidavel ?...

Não palmilhara nunca as edenicas regiões seraphicas da India... Conhecia-as apenas atravez a esfumada lente crepisadora das inverosimeis lendas apocryphas... Que energico fluido a impellira aos robustos braços magoadores do terrifico phantasma impressionista de Ben-Amer-Kabir,—tresloucado discipulo do Karoim mahometano,—que jamais conseguira esculpir no rijo marmore da palavra o sarcastico espectro prismatico da FORMA ?...

Subito, a pythoniza Haynan sentio-se novamente enlaçada pelo Tholba, rudopiando nos envolventes vortices de ululante turbilhão furioso, raptada,—espaço fora,—em rapidos gyros phreneticos...

Seguiam-nos macabro Cortejo de quasimodos gnomos disformes e aleijonas bruxas feiticeiras, regougando sacrilegos responsos,—tramite do nebuloso Templo tragico das secretas Ceremonias matrimoniaes, de tartamudeantes nubentes incorporeos.

.

Abruptas cordilheiras, convulsionadas plutonicamente, escancaravam fauces hiantes de precipícios profundos, cavando echoadoras grotas insondáveis, furnas ameaçadoras e tetricas...

Em chanfrada rampa, ingreme e fugitiva, rolavam mornos cadáveres humidos,—ao peito, como irrisórias condecorações pantagruelicas, largas ecchymoses sangrentas...

Ao fundo, o chofrar tremendo de rouquejantes cachoeiras ameaçadoras, rugindo, bramindo, devorando...

E o Cortejo passou, tacito e funebre !...

O Fingal !... o Fingal !...—Sob a larga abobada prismatica, sustentada por firmes columnas erectas, de elegantes contornos, reflectindo cambiancias deliciosas,—invisiveis menestreis fingaliannos dedilham eoleas harpas sonhificadoras e mansas,—á flaccida caricia merencoria do lamure Satellite compassivo... Angulos reintrantes, de arestas delicadissimas, fragmentos symetricos, talhados perfeita e regularmente,—rememoram, na supersticiosa invocação do genial Artista, o admiravel cinzel que affeioou o Basalto, corrigindo-o maravilhosamente...

Fora, o mar escabuja, arfando... sinuoseando... cuspiendo nos volcanicos rochedos escarpados e inaccessiveis...

Quando o Cortejo avançou desordenadamente, regougando, turbilhionando, como uma Ironia, como uma Blasphemia,—o legendario Bardo gaellico de AN-NA-VINE teclalisou inopinadamente o magistral Orgão das maldições liturgicas com a frenetica energia de legionario que protesta, violentado pela recurva cimitarra barbara de aviltante profanação aleivosa !...

Estacou pasmo o prestito.

E o THOLBA notou : viscoso tentaculo horripilante emergia do Oceano... alongava-se... distendia-se... ameaçava...—subito enlaçando a pythoniza Haynan, arrastando-a violentamente ás esconsas luras ignotas das frigidias mansões inviolaveis dos Cetaceos e dos Polvos...

O Cortejo desaparecera.

Iluminado pelas phosphorescentes caçoulas das vagas, o THOLBA avançou resolute, com rapidos passos leves, de Sombra... Ao fundo, patriarchalmente sentado no algido *fauteuil* confortavel, a veneravel barba branca derramada por sobre o peito de athleta, Ossian meditava, embevecido, a fronte pousada a uma

das mãos,—a outra somnambulamente percorrendo as tilintantes cordas tremulas da lamure thiorba dulcificadora...

III

—«Mestre»,—soluçou o THOLBA, supplicando,—«derrama sobre minha alma o balsamo de tuas melodias, o philtro de teos rimances!»

—«Quem és, misero sacerdote, que te vens sepultar no caule d'este abysmo?»

—«Um desgraçado que não morre e não alcançará nunca a suprema aspiração de toda sua vida.»

—«Abre teo coração, para que eu leia n'elle; conta-me tua historia, para que te conheça.»

.—«Eil-o; ouve-me!»

Os menestreis fingaliannos calaram os instrumentos. Fóra, o Mar escabujava, arfando... E a Lua, como saudosa Magdalena apaixonada, estremecia negligentemente, seguindo as pégadas invisiveis do Rabbino de Nazareth. .

—«Mestre, as Larvas tambem teem passado.... Vegetaes e Amphibios, Mamiferos e Zoophytos, todos viemos de uma Cellula-verde... A Chlorophylla foi Alma... A Nervosidade é Vida...

Fui Homem... Tive Esperanças e Ambições, tive Anhelos e tive Desesperos... Sonhei a Fortuna, sonhei o Amor, sonhei a Gloria, sonhei a Felicidade... Tive amores e glorias e fortuna... A Felicidade não existe... porque a Felicidade é complexa...

A Gloria obésa, o Amor enerva, a Fortuna degrada...

Haynan,—a vidente pythoniza incomparavel, dos sonhos fulgidos e seios de opala,—tantalizou-me e perdeo-me... Idolatrei-a... Beije a harmoniosa areia, assignalada de suas sandalias de incauta Lucrecia musulmana.... Violei os severos rituaes do *Karoim* mahometano...

Só a Morte me fêz comprehender que eu tinha sido amado...

Haynan era a FORMA... »

Como indomito Escarceo que se approximassem pavorosamente, rouquejando, mugindo, estremunhado e lugubre,—o espectro prismático da FORMA zangarreou zurzidoras recordações crudelissimas, tantalizando, com raivoza mordacidade petulante, a dolente alma atribulada do malaventurado THOLBA,—rechinando aspirações impossiveis, barbaros obcecamentos allucinativos...

Ben-Amer-Kabir fitou a inexoravel abobada rustica,—o fixo olhar immoto e vago...

Sonhava, meditava, scismava hypnotizado de recordações... Perdera a noção da realidade presente... Peregrinava o Passado, as longinquas reminiscencias intangiveis...

Turturinou-lhe aos labios o ductil preludio de monologo intimo...

—«Haynan !... Haynan !... a sabia feiticeira enamorada, de languorosos, esmeraldinos olhos humidos e scismadores, de purpureos labios rorejados do delicioso Nectar dos deoses !

Haynan,—a pythoniza ; Haynan,—a satanica !... Uma noite, na phantasmagoria mephistophelica de lividas chammas cabriolantes, — assentado por sobre o dorso monstruoso de rigida Esphinge decapitada, — eu interpretava solennemente, amaranhando amarelento papyrus, os sarcasticos hieroglyphos indifferentes e impenetraveis, — o recondito segredo tatalante da FORMA... A FORMA,—a revelação tangivel de uma Idea !... Sombras !... Sombras !... Haynan tambem era Sombra !... eu tambem era Sombra !... Sombras, Sombras !... —a ciliciante armadura invulneravel dos voracidos Estellios da Ignorancia !... Sombras, Sombras !... — a lobrega atmosphaera da Duvida !...

Haynan, — a seductora... Amplexei-a, penetrei-a !..... rudopiamos nos envolventes vortices de ululante turbilhão formidoloso !... Possui-a !... E o tentaculo asqueroso de flaccido Polvo horripilante e sordido empolgou-ma, roubou-ma violentamente... Haynan era a FORMA !... Onde o segredo da FORMA ? Perdido, perdido para todo sempre... para todo sempre !... »

A signal cabbalistico do venerando Rhapsodo gaellico, os invisiveis menestreis fingaliannos retomaram dos maviosos instrumentos... Ossian ergueo-se do *fautueil*, — a veneravel barba branca derramada por sobre o peito de athleta, — tomou nas mãos a excelsa thiorba incomparavel, acenou ao THOLBA para que o seguisse, e, palmilhando forte o solo balsatico da Gruta, invocou o Oceano... As ondas periricavam num tintinambular sem echo de phosphorescentes caçoulas phantasticas... Astros pestanejavam no Azul... E o Crescente, — como eburnea *silhouette* congelada de candido sonho merencorio de sofredora monja donzella, — reflectia o livido luar castissimo de uma Esperança morta...

Então, dancelagem liquefeita do Cahos, ao cythereo marulhar enervante dos psalmos liturgicos de Amphitrite, — Haynan emergio maravilhosamente rejuvenescida, na piscina aromatica

de perola delicadissima, magnificientemente cortejada por festivas Sereias tentadoras e parvos Tritões mucilaginosos... O THOLBA, genuflexado, religiosamente, murmurinhava canticos sacros de Theogonias remotas, — versiculos do *Zend-Avesta* e do *Mahabharata*.

Ossian posou a thiorba, approximou os nubentes, reunio-os, abençoou-os; e, voltando-se, piedoso, para o malaventurado esposo extatico:

—«Ide!..... E que o niveo luar immaculo dos Bardos e Anachoretas vos conduza ao recatado Thalamo discreto das primeiras nupcias.»

IV

—«A FORMA !... a FORMA !...» reflexionava a pythoniza Haynan, dessudarisando revelações cabbalisticas...

E, fitando pertinazmente a aprazivel ensenação merencoria do Occaso, recebia na fulgida pupilla negra,—de lynce,—o algido Osculo morto da nyctalope Monja donzella,—da compassiva Monja noctivaga, enclausurada eterno, eterno hypnotisada pela attração molecular dos Corpos, no vetusto mosteiro do Espaço, priorisado magestosamente pelo convexo Azul intangivel...

—«Vae, Crescente casto e nostalgico,—vae, nivea Caçoula do Devaneio e da Scisma, alva Piscina celeste que em teu seio caridosa recolhes as lagrimas das Noivas e dos Bardos ;—vae, Flor de Pudicicia e de Innocencia, mergulha na Treva, some-te na Sombra, desaparece no tumulto do Poente !... Vae !... Que não vejas, Flor de Pudicicia e de Innocencia,—que não vejas a rubida face da Manhan,—da pobre virgem maculada pelos beijos lascivos do Sol !... Vae !... Some-te na Sombra !... Desapparece no Tumulo, no cariz dulcissimo do Crepusculo !...»

Os negros mensageiros dos Maleficios tinham desbaratado aos lategos da Luz, esbaforidamente, titubeantes e myopes...

Apenas fremiam, tilintando, os violentos arrabis selvagens...

E Haynan sentia, causticante e lugubre, a infima inutilidade insignificante da sábia Sciencia pretenciosa dos Astrologos e Faquirs...

—«O Amor tambem tem FORMA !... E a FORMA sente-se, mas se não exprime !... Tresloucado Ben-Amer-Kabir !... malaventurado THOLBA !...»

«E tu, Haynan, e tu, pythoniza»—repetia Haynan consigo mesma,—«porque não podeste nunca interpretar aquelle ex-

traordinario Sonho que uma vez tiveste?... Pobre Argila vitalisada, que sorris da Larva, e como ella rastejas—mal palmilhas a aromatica, intermina ravina deliciosa das incognitas do Ideal !... Some-te, misera desilludida,—desapparece tambem tu, chrysalida ephemera, na longinqua mansão solitaria e sombria do Supremo Esquecimento, do Ultimo Abandono !... Vae para o tacito paiz intermino da Treva !... vae para a região mysteriosa da Morte !...»

E, debruçando-se do largo parapeito inabalavel do alvo minarete mourisco do feerico e assombroso palacio do Kalipha,—Haynan precipitou-se no Abysmo, aberto junto á muralha por herculeos Cyclopes mythologicos...

Iria para a inerte Impassibilidade impiedosa do Nirvana ?...

Iria para a Luz ?

—Mysterio !...

Coritiba, 1894.

DARIO VELLOZO.

A MONSIEUR DARIO VELLOZO

S'il est vrai que ma plume ait quelque peu d'attrait
Pour vous, mon cher Monsieur, je serais fort coupable
En ne vous l'offrant pas, si peu qu'elle vaudrait
En la taillant assez, pour la rendre acceptable.

Mais, pour collaborer, comme elle le voudrait,
Au sein de ce Cénacle, ou tout est impeccable,
Bien triste mine, alors, la pauvre, elle ferait,
Si le péché d'écrire était impardonnable!

Mais, vous tous qui savez ce que coûte un début,
Ne la méprisez pas, aidez-la, au contraire;
Avecque vos conseils, elle pourra mieux faire.

Ne l'arrêtez donc pas, près d'atteindre le but;
Malgré le tort qu'elle a de tenir tant d'espace
Ou d'autres, cent foi mieux, occuperaient la place!

J. KEATING

Coritiba, 7 Mai 1895.

AMOR BUCOLICO

(COSTUMES PARANAENSES)

I

Nho Lao era o gaúcho mais guapo da circumvisinhança. Ao domingo, quando seos admiradores o viam montando o *Pangaré*, apêro prateado, laço aos tentos, cola atada, d'onde pendia um ramalhete de fitas, de todos os labios sahia a mesma phrase de lisonja maliciosa: *hoje nho Lao vae riscar*. E elle atravessava por entre as turbas, pala *enfiado*, chapéo com a grande aba suspensa na frente, com ar de indifferente superioridade, esporeando o fegoso *Pangaré*, fazendo-o atravessar-se nas ruas, exhibindo-o nas duas patas trazeiras, não só para diliciar sua vaidade de gaúcho, como para accentuar mais o entusiasmo nos seos admiradores, que o fitavam com olhares pasmodicos de admiração, e com um grasnar estúpido de corvos o applaudiam.

Nho Lao tinha a vida despreoccupada do fazendeiro. Em creança o pae o mandara para um collegio da Capital, onde o pouco que aproveitara muito lhe estava servindo; senão hoje não poderia exercer as altas funcções de juiz dos casamentos, como dizia elle. E fôra muito vadio, pois só frequentara oito annos as aulas; e hoje dava licções a Nho Bentinho do Monjolo, secretario da camara, e explicações ao padre sobre as colheitas das roças! A's vezes, tinha vontade de retirar-se á vida privada; tanta popularidade o incommodava!... Era chamado para tudo; até para curar *influenza*!... Elle, que nunca fôra curandeiro, que nem soubera applicar uma sangria no *machinho* do *Pangaré*, por causa do garrotilho que o ameaçara, como havia de curar essa molestia que nem conhecia?

Não, essa vida não lhe servia, preferiria fazer um eito por dia na sua roça que andar *amolado* com as taes consultas que o deixavam com dor de cabeça. E' verdade que o chefe politico do lugar, Nho Vadô da Estiva, queria fazel-o deputado ; mas isso mesmo porque era elle o unico nas condições exigidas pelo regulamento das eleições, e porque tinha reconhecida influencia.

Sempre que vinha á villa, era essa a theoria estrabica de Nho Lao aos seos admiradores que o ouviam com respeito e quasi com adoração. E, montando o *Pangaré*, perguntava : *onde temos fandango ?* Todas as boccas se abriam para lhe responder ; depois o *Pangaré* sahia aos pinotes, sob a lancinante pressão das pontas aguçadas das rosetas das chilenas de prata ; e Nho Lao galopava, vergado sobre o dorso do animal, as pontas do pala esvoaçando, como a vela enfunada de um navio.

II

Salão enorme, alumiado tristemente por velas, enredomadas em lanternas de vidro, dando aos semblantes um tom sombrio e grave, como se estivessem ante a presença respeitavel de um cadaver. Mulheres papudas percorriam a sala offerecendo chimarrão aos convidados. O fandango ainda não tinha começado ; mas já se ouvia o grito rouco e afflictivo de uma harmonica desafinada, como o coaxar dos sapos, acompanhada por uma rabeça, que, quando lhe tocavam nas *tripas* trasandando a breo, gritava como estridulante boneco de borracha, ou como uma creança com dor de barriga. O chimarrão continuava, a *cuia* passava de mão em mão, calma e pacatamente. Grupos, nos cantos, tratavam de eleições e da corrida do *Picaco*, *que tinha ganho de paleta*, isso mesmo porque enterraram Santo Antonio na raia. Subito, todos os olhos se voltaram para a entrada do salão ; era Nho Lao que chegava, fazendo retinir pelo soalho as rosetas das suas grandes chilenas prateadas, de fazendeiro. Comprimntou uns, abraçou outros ; e alguns se contentaram apenas com um sorriso.

Os grupos reuniram-se em torno de Nho Lao para lhe ouvir falar, como só elle sabia. E Nho Lao contentava-os com estouros de asneiras, recebidos com o applauso sincero das gargalhadas de todos. *Vamos á viola, rapasiada, que trago uns versinhos que fiz para cantar aqui.* Acompanharam-no todos. Quem não quieria ouvir aquella *ave* cantar ?... só um profano ; mas elles que o não eram, queriam.

De viola em punho, com a impafia quichotesca de um D. João Tenorio da roça, Nho Lao começou a soluçar :

Amigos, se eu vos dicesse
Que Nha Tudinha é uma flor,
Por certo não mentiria...
—Ae, amor !... ae, amor !...

E Nho Lao, depois de cada verso, sorria feliz, embevecido na sua grande concepção. Os ouvintes, extasiados, escutavam-no boquiabertos ; e Nho Lao repetia aquelle *ae, amor !... ae, amor !...* como um estribilho de recordações, deixando cahir sobre Nha Tudinha, que alli estava, um olhar de setta venenoza. E ella baixava os olhos, e as faces se lhe cobriam do rubro da pudicicia.

O fandango começara animado. Nho Lao puxava a fieira, sempre de chilenas, requebrando, fazendo medidas diante da parceira ; e todos riam... *Ahi nho Lao !... como elle risca !...* Em toda a roda estalava a castanhola dos dedos, acompanhando a desafinada orchestra. Depois, successivamente, seguiram-se outros pares ; mas nenhum como Nho Lao. Finda a primeira dança, sentaram-se os pares ; e o chimarrão voltou a percorrer o salão. Agora era Nho Lao quem o distribuia, (depois de se ter servido) tendo a viola descansada sobre os joelhos — *para depois continuar a cantar modinhas que tinha feito, porque gostava de Nha Tudinha.*

Ella parecia tambem gostar de Nho Lao, porque não desviava o seo olhar de cabocla sensual da roda onde ouvia a fala delle. E qual d'aquellas moças seria capaz de negar o seo amor a Nho Lao, esse D. João Tenorio da roça, que sedusia, não só pela sua alta posição de juiz dos casamentos, como por seo todo quichotesco de eleitor influente ?

E Nho Lao continuava a fazer da viola a interprete chorosa de seos amores por Nha Tudinha ; e o fandango continuava, porem, já menos animado, pois era muito tarde. Quando as primeiras resteadas de uma aurora rubra penetraram indiscretamente pelas frinchas da parede de taboa do salão, dando a todos os semblantes um tom amarello de vela de cêra não os surprehen-deo dançando ; porem, já Nha Tudinha era noiva de Nho Lao, e alguns convidados, sentados nos bancos, cabeçeavam pesadamente.

O fandango terminara.

Nesse mesmo di Nho Lao, com as palpebras pezadas des somno, o mesmo traaje de fandango, se dirigio á casa dos pae de Nha Tudinha para pedil-a em casamento. Foi recebido com as etiquetas de estylo, e como reclamava a sua posição de juiz dos casamentos: a matte chimarrão e cigarro. Depois de pales-trar politica e a ultima corrida na raia do *Pellado*, na qual o afa-mado *Picaco* fôra vencedor, expoz o fim principal de sua visita. O velho Polica, assustado com aquelle *inesperado* pedido de casamento, fitava-o desconfiadamente, pois Nho Lao com certe-za brincava com as suas barbas brancas e ria de sua pobreza. Elle, um dos moços mais ricos da villa, que estudara n'um colle-gio da cidade, querer casar com sua filha, sem *dotes*, que nem sabia conversar! não! era impossivel!..... Nho Lao não que-ria casar, era *decerto* algum desses caprichos proprios dos mo-ços ricos que o levara áquella resolução... Assim pensava o po-bre velho, afagando o desconsolado *cavaignac*.

Mas, Nho Lao, firme nos seos principios, resolutto nas suas convicções, encetou uma serie de dissertações sobre o casa-mento, e concluio convencendo o velho Polica — pois tinha mais alcance intellectual que elle — que queria casar com Nha Tudinha. Foi immediatamente convocada uma reunião extraor-dinaria de toda a familia, que pelas frinchas da porta já tinha sciencia do que se ia tratar. Reunidos, foram, de accordo una-nime, favoraveis ao casamento. Nha Tudinha, sentada n'uma velha canastra, entretinha-se amarfanhando entre os dedos um lenço de chita vermelho, toda pudica, toda envergonhada.

Seguiram-se outros assumptos. Nho Lao, agora noivo de Nha Tudinha, contentava-se em fital-a com olhares turvos de desejos; e ella conservava-se na mesma attitude de estatua de carne soffredora, de quando em quando, olhando-o de socapa e tornando, encalistradamente, a baixar os olhos.

Uma vez tudo combinado, marcado o dia do casamento, que deveria ser d'ahi a um mez, elle precisava ir á fazenda tratar da colheita da roça, e mandar bater um pouco de feijão, pois já começara a *carunchar*, devido ás grandes chuvas ultimas. E levantando-se: *bom, já me vou indo; mecês todos até quarquar dia*. Nha Tudinha que se fosse preparando, que elle estava prompto.

Depois de quinze dias de ausencia, o tempo necessario para fazer a colheita, voltou Nho Lao a visitar a noiva. Era domingo. O dia, n'uma claridade transparente de finissima gaze, sorria atravez a cupula azul do firmamento.

Montando lindo animal *tostado*, gaúcho e guapo como sempre, Nho Lao entrou na villa, exhibindo-se como bom cavalleiro que era, embasbacando mais aquelle povo que já o considerava como tal ; e percorrendo o itinerario costumado, foi procurar o seo substituto para entregar-lhe a vara de Juiz, passando o resto da tarde com Nha Tudinha, que agora mais desembaraçada um pouco, já não sentia aquelle maldicto nó na garganta todas as vezes que precisava falar com pessoa extranha... E para que ter vergonha, se Nho Lao já pertencia á familia ? Sentados na soleira que dava para a rua, Nho Lao e Nha Tudinha conversavam :

—«Nho Lao, quantos cargueiros de milho *mecê* colheo este anno ?»

—«Muito poucos. Aquella maldita geada matou quasi toda a plantação, que estava tão viçosa !»

—«P'ra nós aconteceu o mesmo ; o feijão nem se fala : está todo bichado.»

E n'esse prosear banal, mas sincero, se resumia o palestrar amoroso dos noivos.

Eram felizes porque se amavam. Se ás vezes, uma nuvem carregada de duvida toldava o céu limpido dos enlevos amorosos de Nho Lao, se desfazia para logo diante do olhar sereno de sua noiva, proseguindo ambos na felicidade suprema de almas tranquilladas. A' noite, quando estavam todos reunidos na cozinha, Nho Lao começava de pontear a viola, recordando seos amores com Nha Tudinha, e a doce impressão que recebera quando a vira pela primeira vez :

«Seos olhos eram tão lindos,
Que por elles quiz morrer ;
Depois que vi Nha Tudinha
A ninguem mais pude ver.»

O velho Polica olhava significativamente para Nha Maruca, sua mulher, como perguntando se seria verdade aquillo ; porem, ella, occupada em preparar o chimarrão, não attendia as perguntas mudas de seo marido.

Nha Tudinha, com a perna traçada, o rosto apoiado a uma das mãos, olhava para o fogo, onde a lenha crepitava como se lhe tivessem posto sal.

E aquelle crepitar impertinente e incivil incommodava a enamorada menina, como se ella fosse cúmplice da indelicadeza do fogo... O que não pensaria Nho Lao ? Ella que, se podesse, o tinha sempre junto a si, não se conteve e perguntou porque

a lenha assim *estralava*? A velha Maruca explicou-lhe a razão, dizendo que era verde, que as creanças a tinham nesse dia *lenhado*. Nha Tudinha sorriu e olhou para Nho Lao, que por sua vez sorriu-lhe agradecendo, pois comprehendera a pergunta. E como eram nove horas da noite, elle ergueo-se, cantando:

Vou me embora, minha gente,
Voltarei cá outro dia,
Para ver o meo amor
Cheio de graça e alegria.

—
Adeos, meo velho Polica,
Nha Maruca, até amanhã :
Minha cunhada Nêê,
Dê um beijo em sua irmã.

E retirou-se, acompanhado até o portão da *mangueira* por toda a familia.

Esses felizes tempos do noivado, passaram para elle entre o pontear choroso da viola e o amargo do chimarrão.

Nunca o estalar de um beijo sahio das castanholas de seus labios.

E eram felizes porque se amavam.

III

O dia, alegre e satisfeito, cantava festivalmente ; luz por toda a natureza, alegria em todos os semblantes.

A casa do velho Polica apresentava aprazivel aspecto: girandolas de foguetes subiam ao ar na alegria nervosa de noivos ; numerosos personagens, de caricaturas indecifreveis, *enfadados* em *ponchos* de panno, já desbotados pelo tempo e pela idade, por alli estavam espalhados, deitados uns, outros sentados ou coçando os pés. Era uma enchente formidavel.

A onda alagara por toda a parte: A sala, a varanda, os quartos, a cosinha que rescendia, estavam a transbordar.

Dentro, estrugiam sonoras risadas ; fóra um bolicio indiscriptivel : falava-se de corridas de cavallos, queimadas, etc.

De repente todos acudiram em direcção á sala. Terrivel assalto.

As velhas resmungavam, encolhidas ao canto ; as moças,

vermelhas, suadas, cheias de soffreguidão, iam se intrometendo pelo atordoamento geral ; os homens alçavam o pescoço, uns por cima dos outros, como um bando de ganços a grasnar e prestes a bater as azas.

Chegara o momento de realisar-se o *casorio* civil.

A noiva, toda de branco, com uma corôa das tradicionaes flores de lorangeira cercando-lhe a fronte, apparecera fresca, louçã, envergonhada ; e, junto della, vermelho, empertigado, o noivo esbelto, lustroso, de sobre-casaca de panno preto, calças *bocca de sino*, sapatos a *cri-cri*.

Todos sorriram para elle, quando o viram entrar.

Depois das promessas do estylo, assignaram o contracto ; estavam civilmente casados.

Encaminharam-se, então, para a egreja. Lá os esperava o padre, gorducho, de toutiço vermelho, labios grossos que deixavam entrever uns dentes ponteagudos, sorrindo sensualmente.

Silencio profundo reinou durante a cerimonia.

Ella estremecera e baixara os olhos ; elle enrubescera e fitara o *seo* padre : Estavam religiosamente casados.

Cresceo, então, mais que antes o atropelamento.

Era uma confusão de braços que se moviam violentamente, estalos de beijos, vozes lacrimosas que entonteciam o ar. O pae de Nha Tudinha, o velho Polica, de paletot de còr, amarrado nas abas, calças franzidas e curtas, chorava copiosamente, abundantemente, como que mastigando as lagrimas para depois cuspir-as.

Alfim, voltaram para casa.

Nho Lao andava de um para outro lado attendendo perguntas, satisfazendo pedidos.

Approximara-se a hora do jantar. Já muitos andavam se esfregando pelas paredes da cosinha.

Soou afinal o momento decisivo. As mezas, enfileiradas, enchiam-se espantosamente. Os homens, como phantasmas, com os labios resequidos, lá se iam cabisbaixos, engulindo cuspo, sentar-se nos bancos.

Comiam fogosamente.

Pelo meio do jantar, aquecidos fortemente pelo vinho branco, começaram a arrancar gritos convulsos, violentos, a guiza de saudações.

—«Nha Tudinha !» gritava um mancebo alcoolisado, «bebamos a saude dos esponsaes !» e lhe piscava uns olhinhos amortecidos.

Um senhor da cidade, naturalmente affeito e revelar preciosidades intellectuaes entre os caipiras, ergueo-se com voz de barytono triple, saudando com termos *hymenaycos* o casamento e o *thalamo nupcial*. O banquete terminara.

O sol correra o reposteiro de damasco rubro e repousava nos coxins do occaso...

Nuvens pardacentas escureciam o firmamento azul ; o campo rescendia o acre perfume da soledade. Anoitecia.

O povo dispersava-se como um rebanho.

Uns dirigiam-se para a sala, onde se reunira o *high-life* da roça ; outros iam para o logar do fandango.

Nho Lao assistia o rude e original bambolear da cabocla. Elle, que dava a vida por um fandango, gostaria mais de lá ficar... Rompia nessa occasião a sonora voz sertaneja. Os sentimentos alli tinham suas alegorias extravagantes, mas que casavam perfeitamente com a voz cheia e grossa do caipira. Quem cantava era um moço imberbe, forte, robusto.

—«A estampa não nega» murmuravam com voz cadenciada alguns sujeitos.

Com o chapéo desabado sobre os olhos, a cabeça encostada ao hombro do companheiro, que ponteava a viola, soltava elle as exclamações mais *harmoniosas* de sua alma, os échos mais sonoros que possuia. Era o grito selvagem da ave, repercutindo altisono e alegre, monotonos e triste, como apalpando um por um os troncos seculares, como revivendo as mattas !... Era uma chispa que, ás vezes, ia ferir maliciosamente um dos ouvintes.

O humorismo e a saudade passeiavam de braço dado.

Nho Lao pouco se demorara ouvindo-o, pois tinha dever de ir hospedar o seo Padre Silverio.

O baile começara animadissimo.

A valsa nervosa, electrica, fazia estremecer, sacudir os seios das caboclas.

Erectos como estatuas, de hombros erguidos, moviam-se os pares.

A noiva tambem dançava. Nho Lao, não podendo supportar por mais tempo o amplexo da sobrecasaca a trocou por um pa-

letot de alpaca, em alguns pontos rendilhado pelos bilros das traças. Dançava também.

Os laureados executores da harmonica e rabeca esforçavam-se para que as notas não sahissem tristes como o coaxar de sapos, melancholicas como o grasnar de corvos, em dia de *banquete*...

Coitados ! tiveram como recompensa desse supremo esforço o partir-se uma das cordas da rabeca.

Aquella musica horrorosa, aquelle arrastar lento de passos na habaneira, pareciam mais o chiar irritante de um carro puchado por pacatos e resignados bois, que o baile do casamento de Nho Lao.

E a dança continuava. Se parava algum par, ou para descansar, ou para dialogar sobre o casamento, era immediatamente tangido pela voz de Nho Lao :—«Vamos rapasiada, a noite hoje é nossa».

Elle já não dançava : pinoteava mais que o *Pangaré*, espreado pela embriaguez do vinho branco.

Nha Tudinha, com a fronte pendida sobre o hombro de um primo seo, dançava esquecida que era noiva.

—

A varanda era occupada por uma roda de velhos circumspectos que tomavam chimarrão e discutiam eleições.

Nho Lao, aproveitado um dos *intervallos*, fôra á alcova calçar os chinellos de couro amarello, pois os sapatos lhe magoavam demasiadamente os callos, e, sorrateiramente, esgueirou-se até o *paiol* para dar uma *espiada* ao fandango e ver a rapasiada *riscar*. E como ahi houvesse mais animação que no baile, se foi deixando ficar, ajudando a tocar o *rasgado* na viola. De mais também queria cantar uns versinhos de *aporfia* com Nho Maneco do Poço, ver mesmo se elle era bom como diziam. Mas não poudé esperar o *fim da dança* : largou a viola e sahio corcoveando, de cola erguida, como dizia elle, e entrou no *can-can*, n'uns requebros immoraes que fez muita *gente* honesta pôr a peneira dos dedos nos olhos ; arrancando a outros entusiasticas exclamações :—«Este Nho Lao é damnado !... Ahi, Nho Lao !...» Elle não queria saber de nada ; puxava a fieira, dando estalos com os dedos como se fôram castanholas ; e os chinellos amarellos batiam-lhe palmas nos pés, como satisfeitos daquelle triumpho. Cada estouro de asneiras de Nho Lao tinha o applauso eloquente das gargalhadas estridentes e rubras de embriaguez da turba, estribilhada pela phrase predilecta :—

«Este Nho Lao é damnado !...» Na sala do baile já o procuravam para marcar a ultima quadrilha.

Depois de grandes buscas foram-no encontrar *aporfiando* com Nho Maneco do Poço, rodeado do povo do fandango, que, de braços cruzados sobre o peito, como martyres de resignação, assistiam a titanica lucta *poetica* dos dois gigantes. E como lhe reclamavam a presença na sala do baile, Nho Lao fechou a *aporfia* com taramela nova :

Nho Maneco, sou chamado
Para marcar a quadrilha ;
Mas, deixo no meo logar
O meo compadre Padilha.

Eu sei que mêmê é forte,
Mas eu tambem não sou fraco ;
Se mêmê fuma no pito,
Eu tambem tomo tabaco.

Esta ultima quadra fez um successo extraordinario entre os ouvintes : foi repetida por todas as boccas com o estribilho sonoro das risadas...

—«Este Nho Lao é um damnado !»

As velhas abriam boccas molles e sem dentes, escorrendo risos agoados, feitos de baba. Moços dirigiam-se a Nho Maneco do Poço, repetindo pilhericamente :

«Se mêmê fuma no pito,
Eu tambem tomo tabaco.»

e riam perdidamente.

Nho Maneco, encafifado, a todos repetia a mesma defeza : «Como Nho Lao não ha de saber cantar versos mais bonitos que os meos, se elle estudou na cidade e escreveo nos jornaes ?

Para elle saber assim foi que o defunto pae d'elle, que era meo compadre, gastou rios de dinheiro.» Mas, o povo não se queria conformar com isso e arrancava-lhe o *pello*.

Na sala do baile, cruzavam-se pares, preparando-se para a quadrilha.

—«Nho Lao, mêmê tem *visavi* ?

—«Tenho ; é o *espector* do *quarterão*, o compadre Jéca.»

D'ahi a pouco Nho Lao, de chinellos amarelllos, dava o signal para começar a quadrilha. Rompeo o *toque*, gemendo, rouco e desafinado, por toda aquella sala, n'um desespero de vencido.

E os marcantes romperam arrastando os pés pelo soalho, como se fossem paralyticos.

Nho Lao, n'um enthusiasmo de moço da cidade, pois tinha essa tôlapretenção, gritava e gesticulava, como se estivesse repontando o gádo para a *mangueira*. Nha Tudinha, na simplicidade de parenta, continuava a dançar com o primo... Findara a quadrilha. E o chimarrão percorria fielmente a sala do baile. O somno já começava a pesar em todas as palpebras. Abriram as janellas para sahir o pó. Um pardal, pousado n'uma arvore de sabugueiro, que existia na frente da casa, repetia irritadamente : é dia !... é dia !... é dia !...

As velhas foram-se levantando dos cantos da sala.

Os convidados preparavam-se para a retirada. Nho Lao não lhes pedio que ficassem, pois tambem estava com muito somno... Nha Tudinha bocejava n'um espreguiçamento delicioso...

O fandango, como um bebado louco, agonisava tambem, no carcere da embriaguez, zurrando convulsivamente como uma besta fera.

—

E como os noivos se recolheram á sagrada alcova nupcial, sou de opinião, meo leitor burguez, comquanto não comprehendas talvez as leis da inviolabilidade, que desçamos sobre este capitulo as finissimas pontas do cortinado das reticencias.

IV

Onze horas da manhã, quando Nho Lao e Nha Tudinha deixaram o leito nupcial para ir á cosinha tomar o chimarrão. Ella trajava vestido de chita roxa, elle a mesma fatiota do noivado. Encontraram á roda do fogo algumas visitas, que não tendo podido ir ao casamento, vieram aos doces. Receberam-os com o classico sorriso de malicia nos labios, cumprimentaram e foram-se abancando, em *cepos* velhos que existiam por alli.

Uma velha, a mais bisbilhoteira de todos, perguntou, sorrindo, a Nha Tudinha como tinha passado a noite ; ella, sem responder, occultou o rosto no lenço de chita e começou a rir.

Nho Lao com o desembaraço de moço da cidade, sem ninguem lhe ter perguntado nada, expòz em calculos difficeis a rotação da sua lua de mel.

D'ahi ha tres dias, devia seguir com Nha Tudinha para a fazenda, a tratar da roça ; precisava mandar *adomar* o burro *roano* e preparar a *tropa*, para puchar o milho que já estava vendido. Tinha muito serviço e poucos camaradas ; o melhor

d'elles, o José Bugre, fôra *mordido* por uma cobra, na occasião da roçada, por isso elle preciva substituil-o. Nha Maruca e o velho Polica, só com a idea da separação de sua filha, olhavam para ella tristemente ; mas a lembrança de que Nho Lao,—o gaúcho guapo,—um dos moços mais ricos da villa, era seo genro, dissipava essas pequenas impressões de tristeza, e estampava-lhes no semblante moreno, velho e rugoso a primitiva alegria. Tornavam-se, então, mais obsequiosos, offerecendo cigarros ás visitas, conversando do baile, do fandango, finalmente dos episodios do casamento.

Quando falaram em fandango, Nho Lao deo uns pulos pela cosinha, como lembrando-se dos pinotes que atirara, de cola erguida, na noite passada, e tratou do assumpto minuciosamente ; porque o fandango estivera melhor que o baile, pelos menos para elle, que teve occasião de agarrar-se em *aporfia* com o Maneco do Poço, o mais afamado *cantador* que elle conhecia, e dar-lhe uma sova ; e senão o mandassem chamar para marcar a quadrilha, Nho Maneco nunca mais havia de cantar perto d'elle.

E dizendo isto, ria-se como um louco.

— « Imaginem vocês por este ultimo versinho que eu cantei :

Eu sei que *mècê* é forte,
Mas eu tambem não sou fraco ;
Se *mècê* fuma no pito,
Eu tambem tomo tabaco.

A rapaziada não poudé mais, foi um barulho tão grande que parecia briga. »

E ria perdidamente, acompanhado pelas visitas. Agora sim, estava satisfeito, porque não tinha na villa quem cantasse com elle.

— « Estes tocadores pensam que cantar é pontear a viola, estão enganados ; precisa ter estudado na cidade. E eu hoje não sou bom como primeiro. »

Prolongaram a palestra até a hora do jantar, findo o qual se retiraram as visitas, com os lenços cheios de sequilhos. Depois do jantar Nho Lao foi dar uma prosa alli pela villa, voltando, á noite, com o seo compadre Jéca, o *espector* ; e reuniram-se junto ao fogo, a tomar chimarrão.

Nha Tudinha deitara-se, porque estava com dôr de cabeça ; logo que sahio o compadre, Nho Lao fez o mesmo. Alli, recolhidos no sanctuario do amor, começaram a recordar o tempo do namoro, o fandango em que dançaram sempre juntos, e mais al-

guma cousa, que eu não posso deixar cahir do bico da penna.....
Cousas de namorados, meo leitor curioso, beliscões talvez.....

No outro dia, muito cêdo, já Nho Lao andava comprando o necessario para a proxima viagem e Nha Tudinha, auxiliada por sua mãe, preparava as canastras. Terminada a *operação* foram despedir-se da visinhança, — passando o resto do dia em familia, — junto ao fogo, a conversar sobre a roça.

Às cinco horas da manhã, chegaram os cargueiros e os animaes que deviam conduzi-los. Carrega uma cousa, prepara outra, eram oito horas do dia, quando tinham completado a obra.

Nho Lao, de pala, chilenas prateadas de fazendeiro, com rosetas tilintantes, Nha Tudinha, de roupão, chapeo de palhinha, —copa alta—enfeitado carnavalescamente, promptos para a partida, foram tomar um chimarrão. Nha Tudinha ao pedir a benção á velha Maruca debulhou-se em lagrimas. Abraçaram-se: a filha com os paes, o genro com os sogros; e partiram, prometendo voltar logo... E se as saudades lhes apertassem, que fossem até á fazenda, porque feijão e charque *havia de haver* para mais dous. — « Sim, sim se pudermos... » — foram as ultimas palavras dos velhos paes de Nha Tudinha.

A visinhança e os camaradas da fazenda foram encontrar os noivos a meia legoa. Quando estes se approximaram, duas duzias de *rojões* subiram ao espaço e as cabeças todas se descobriram, n'um *viva* alto e prolongado.

Alvos daquella manifestação expontanea, Nho Lao e Nha Tudinha commovidos, não sabiam como corresponder-l-a. Fitaram-se, e o rubro de uma alegria intima tingio as suas faces.

Acompanhados da comitiva dirigiram-se para a fazenda. Lá os esperava uma boa feijoada, que a tia Quiteria, a *mamã* de Nho Lao, preparara para os noivos.

Alguns dos manifestantes retiraram-se do portão da mangueira, outros acceitaram a feijoada, com grande sentimento da tia Quiteria que, esperava, houvessem sobras para o almoço do dia seguinte.

Depois do jantar, com pequena demora, o resto dos manifestantes tomou a mesma resolução dos companheiros, retirando-se tambem.

V

No remanso bucolico da fazenda escoaram-se para os recém-casados, entre beijos de amor e o *rasgado* na viola, os dias feli-

zes da lua de mel. Entraram alfim na realidade rustica da vida, na fazenda.

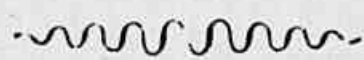
Nha Tudinha, com um chapeo de palha na cabeça, envarava a plantação do feijão; Nho Lao, trajando mescla, arava o quintal, e repetia cantarolando, os mesmos versinhos, que, nos tempos qua já iam longe, lhe tinham dado, nos fandangos, a reputação de primeiro *cantador* da villa. Já não tinha por certo o mesmo enthusiasmo, nem tilintava as rosetas das suas chilenas preteadas de fazendeiro, pois o que elle mais aspirava possuia, estava alli junto a si a envarar feijão.

E olhava para Nha Tudinha que, attenta, na sua occupação, não via que seo marido, com um pé descansado sobre o arado, acompanhava todos os seos movimentos. E Nho Lao trabalhava com mais ardor, seguindo assim o exemplo de sua mulher. A' hora da merenda, ambos se recolhiam, e, sentados em roda do fogo, até que tia Quiteria acabasse de assar o charque, começavam a palestrar sobre a plantação e o tempo.

E, assim, na paz bucolica da fazenda, na tranquillidade inviolavel d'esse retiro, onde não chega o ruido estúpido das cidades, Nho Lao e Nha Tudinha tiveram por aurora da sua mocidade conjugal os sorrizos meigos dos filhinhos; e assim terão por diadema crepuscular da sua velhice a alegria ruidosa e despreoccupada dos nettos.

JULIO PERNETTA

Coritiba, 1894.



SONHOS MORTOS

Olhos volvendo cheios de infinita doçura e de tristeza infinita, Marina, a formosa virgêm italiana, scismava. De cada estrella indagava em que remotas paragens, carnes picadas pelo frio cortante, estaria o noivo saudoso, pelo qual, noites em fôra, se debulhára em pranto.

Apavorava-lhe o fantasma sangrento da guerra, e elle se fôra, cheio de enthusiasmos e de lagrymas, suspenso ao peito, por dentro da farda grossa, como amuleto bemdito, o retrato della, de Marina, a formosa virgem italiana, agora viuva de todas as alegrias.

—Seis mezes já ! e nem uma carta ! nem a mais ligeira noticia ! Os brasileiros são tão descuidados ! brincam tanto com a morte ! E, se uma bala o tivesse atravessado ? E, se elle se tivesse portado como um heróe nesses combates já travados, e dos quaes faltavam pormenores?—

Subito um forte rumor de muzica vibra no ar silencioso e calmo, e estrepitantes estouros de foguetes que listram de vermelho o seio da noite, arrancam Marina ao seo longo e doloroso scismar...

Vê, da janella de sua casinha branca, da brancura immácula dos seos sonhos, a massa informe de povo que avulta, cresce, avança, e move-se ao clarão de archotes rubros.

Festeja-se a victoria das armas nacionaes.

Feito, de momento, pesado silencio, ergue-se uma voz clara e energica a cobrir de adjectivos triumphaes ao moço heróe, que morrera abraçado ao pavilhão auri-verde, após ter-se batido como um leão, impávido, glorioso, extraordinario.

E, emquanto a multidão cobria de applausos o nome illuminado do heróe martyr, Marina, a formosa virgem italiana, perguntava a Deos, entre prantos convulsivos, porque requinte de maldade se faziam aos seos sonhos mortos tão pomposos funeraes ? !...

LEONCIO CORREIA.

Collaboradores :

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—Custodio Raposo—Domingos Nascimento—Emiliano Pernetta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—Rocha Pombo—Sancta Rita—Serapião do Nascimento—Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores :

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo acceita com prazer a collaboração dos estudiosos honestos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria Economica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.

Preço do fasciculo : 1\$000